

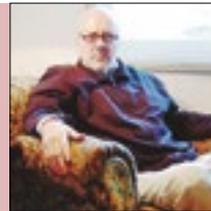
Colbie Callat volta ao Brasil com seus hits de novela

PÁGINA 3



Jabuti premia o saudoso João Gilberto Noll

PÁGINA 6



Aberta temporada de panetones na cidade

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Plataforma para nomes destacados da nova geração da música brasileira, o Festival Polifonia promove neste domingo (10) no palco do Vivo Rio sua quinta edição com as bandas Terno Rei, Supercombo, Selvagens à Procura da Lei e Scatolove, entre outros, a partir das 14h.

Formado por Ale Sater (voz e baixo), Bruno Paschoal (guitarra, vocais e sintetizadores), Greg Maya (guitarra e sintetizadores) e Luis Cardoso (bateria e vocais), o Terno Rei vem conquistando um público jovem por todo o país com suas melodias indie pop. Seu álbum “Gêmeos” figurou como um dos melhores lançamentos de 2022, recebendo inclusive indicação da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) em seu prestigiado prêmio.

Mais de um milhão de inscritos no YouTube, shows constantemente esgotados pelas cinco regiões brasileiras. Assim é a Supercombo, banda fixada em São Paulo, que tem no rock e na internet suas principais bases artísticas. Em suas músicas, a banda apresenta como principal essência temática os dilemas e as emoções diárias que marcam a vida das pessoas, tornando temas densos e profundos em letras diretas e otimistas. Formada em 2007, atualmente a Supercombo é integrada por Leo Ramos (voz e guitarra), Carol Navarro (baixo e voz), Paulo Vaz (teclados) e André Dea (bateria). O sexto disco foi lançado em Maio de 2023: “Remédios”.

A banda cearense Selvagens à



Renato Peres/Divulgação

Supercombo

Celeiro de novos talentos

Vivo Rio recebe neste domingo a quinta edição do Festival Polifonia



Cesar Ovalle/Divulgação

Terno Rei



Arthur Henrique/Divulgação

Selvagens à Procura de Lei



Divulgação

Scatolove

Procura de Lei, um dos principais nomes do rock alternativo nacional da última década, se renova no single “O verão passou, mas o Sol continua aqui”. A faixa é um convite para refletir o passado com um olhar positivo. “Essa é uma reflexão sobre a passagem do tempo e a permanência dos significados que começaram lá atrás e resistiram às mudanças. A estação ‘verão’ figura esse sentimento de um ‘lugar’ que durou um certo tempo, mas que também deixou a chama acesa pros próximos que virão pela frente. É sobre parar no meio do caminho, olhar pra trás refletindo sobre o que aconteceu e seguir caminhando mais forte”, conta Rafa Martins, vocalista e guitarrista na faixa, que ele compôs. Além dele, fazem parte da banda Gabriel Aragão (guitarra), Caio Evangelista (baixo e back vocal) e Nicholas Magalhães (bateria).

Formada pelo casal Leo Ramos (Supercombo) e Isa Salles (ex-The Voice), a dupla Scatolove é lembrada pelos covers divertidos no YouTube, mantendo o humor e a leveza como marca registrada.

Menores Atos e a Nova Orquestra se juntaram nesta edição do Polifonia. O trio carioca de rock alternativo lançou em 2022 o EP Lúmen, com cinco faixas inéditas.

SERVIÇO

FESTIVAL POLIFONIA
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
10/12, a partir das 14h
Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Milton Gonçalves em 'Rainha Diaba'

Canal Brasil exhibe maratona de filmes de Milton Gonçalves

O ator Milton Gonçalves, um dos principais de sua geração, completaria 90 anos neste sábado (9). Com mais de 70 anos de carreira, o mineiro participou de mais de 80 trabalhos na televisão, como ator ou diretor. Como forma de homenagem, o Canal Brasil abre espaço na grade para uma maratona de filmes estrelados por ele.

A partir da 0h, serão exibidos 13 longas nos quais ele atua. Dentre os principais trabalhos de Milton Gonçalves na televisão estão "Roque Santeiro", "Tenda dos Milagres", "O Rei do Gado", "Chiquinha Gonzaga" e "Cobras & Lagartos". Em "Irmãos Coragem", estreou como codiretor, sendo o primeiro diretor de novelas negro.

Pixinguinha

O espetáculo "Pixinguinha Morou Aqui", com o grupo Cantando Alegria, une a música com a narrativa oral, apresentando a vida e obra do grande músico no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca, neste domingo, às 16h.

Zeca em festa

Zeca Pagodinho celebra quatro décadas de carreira com turnê especial pelo país. O show contará com repertório exclusivo e participações especiais de Alcione, Seu Jorge, Jorge Aragão, Xande de Pilares, Diogo Nogueira e Marcelo D2.

Dispensado

O ator e apresentador Bruno de Luca deixará de fazer parte do time do BBB em 2024. Ele estava à frente do A Eliminação (Multishow), que recebia o eliminado da semana para rever seus momentos no reality, e deixará a atração por opção da empresa.

Assédio perigoso

Sofia Vergara conseguiu na Justiça uma ordem de restrição contra um fã que a persegue. A atriz de "Modern Family" diz no processo que o homem acredita ser próximo dela e de sua família. Ela chama o perseguidor de um "mentalmente instável".



Will Aleixo/Divulgação

Maurício Manieri divide o palco com o cubano-americano Jon Secada

O amor está no ar com o vozeirão de Maurício Manieri

Ídolo da canção romântica nos anos 1990, Jon Secada divide o palco com o artista brasileiro, que faz show de lançamento de DVD ao vivo

Dono de um vozeirão que emplacou uma penca de sucessos nos anos 1990, Maurício Manieri se apresenta neste sábado (9) no palco do Qualistage com o show da turnê de lançamento do seu novo DVD "Romantic Classics". Gravado em noites de junho, o DVD é uma verdadeira celebração da música romântica dos anos 1970, 80 e 90. Nesses shows, Manieri recebeu artistas convidados para duetos: Paula Fernandes, Seu Jorge, Belo,

Chico Castillo (Gipsy Kings), Jota Quest e Raça Negra.

E Manieri embarca nessa nova turnê trazendo consigo um convidado de peso cheio dessa verve romântica, o cubano naturalizado americano Jon Secada.

Em comemoração aos seus 25 anos de carreira, Maurício Manieri se propõe a levar o público a uma jornada emocional por meio de suas canções icônicas e sucessos atemporais. A turnê "Romantic Classics" não apenas captura a essência dos anos 70, 80 e 90, mas

também se destaca por uma produção meticulosa.

O setlist será composto por hits como "Minha Menina", "Bem Querido" e "Se Quer Saber", além de clássicos do universo pop romântico nacional e internacional como "Easy", "Rock and Roll Lullaby", "I Wanna Know What Love Is", "Lad In Red", "Little Respect", "Love Is In The Air" e muito mais. E Secada vai presentear o público com suas canções inesquecíveis e baladas românticas, como "Just Another Day" e "Angel", além de muitas surpresas.

"A música tem o poder de unir pessoas de diferentes culturas e países, e essa turnê é uma prova viva disso. Estamos preparando um espetáculo emocionante, repleto de clássicos, que embalam histórias de amor ao redor do mundo. Quero compartilhar momentos especiais com cada fã, cantando nossas canções favoritas e criando memórias inesquecíveis juntos. Será uma noite mágica, meus amores", comenta Manieri.

Pianista com formação clássica, Manieri chegou a ganhar concursos. Mas preferiu enveredar no universo pop, além de largar o curso de Engenharia Química e um emprego estável numa multinacional para trabalhar com música.

A aposta deu certo e aquele paulistano descendente de italianos com uma potente voz black chamou a atenção do renomado produtor Dudu Marote (que assinou trabalhos com Jota Quest, Pato Fu e Skank). Seu primeiro álbum, "A Noite Inteira" (1998), foi marcado por sucessos como "Bem Querido", "Minha Menina", "Te Quero Tanto", e "Pensando Em Você".

Nos anos seguintes atuou mais no mercado publicitário compondo dezenas de jingles e colocando sua voz neles.

SERVIÇO

MAURÍCIO MANIERI - ROMANTIC CLASSICS (participação de Jon Secada)
Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
9/12, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 160

A rainha das trilhas sonoras

Americana Colbie Callat relembra álbum de estreia e seus sucessos nas novelas brasileiras

Figurinha fácil em trilhas sonoras de novelas, a cantora e compositora Colbie Callat retorna aos palcos brasileiros após um hiato de oito anos. Neste sábado (9), ela apresenta no Vivo Rio um show em comemoração aos 15 anos do lançamento de “Coco”, seu disco de estreia e que a tornou mundialmente conhecida.

O sucesso do disco foi tão gran-

de e imediato que o álbum alcançou a quinta posição do ranking de mais vendidos nos Estados Unidos na lista da Billboard e possui um lugar super especial no coração do público até hoje, especialmente pelas músicas “Bubbly”, “Magic” e “Midnight Bottle” – que foi a canção tema do casal protagonista, interpretado por Cláudia Abreu e Marcos Palmeira na novela “Três Irmãs”, da Rede Globo. Durante



Divulgação

Colbie Callat: carinho pelo público brasileiro

uma passagem pelo Brasil, na época, Colbie chegou inclusive a fazer uma participação na novela.

A partir daí, ela virou marca registrada nas telinhas com as suas músicas: a própria “Bubbly” em

“Sete Pecados”; “Fallin’ For You”, que esteve na trilha sonora de “Viver a Vida” como tema da personagem Luciana, vivida por Alinne Moraes; “Lucky feat. Jason Mraz” em “Caras e Bocas”; “I Never Told

You” em “Araguaia”, de 2010; “Brighter Than The Sun”, que entrou na tracklist da novela “Fina Estampa”; “Before I Let You Go” em “Amor Eterno Amor” e “All Of You”, no mega sucesso “Salve Jorge”.

A conexão com o público brasileiro é tanta que a cantora promete abrir uma brecha no repertório do show para lembrar todas essas canções. “O Brasil me apoia tanto que é por isso que eu mal posso esperar para ver todos vocês”, comenta.

Dona de dois Grammys, a artista californiana acumula mais de 20 bilhões de streams, 8 milhões de discos vendidos e é uma especialista em contar histórias: o seu show ao vivo tem uma atmosfera pessoal e envolvente.

SERVIÇO

COLBIE CALLAT

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

9/12, às 21h | Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Djonga no Circo

Um dos nomes mais emblemáticos do rap nacional, o mineiro Djonga se apresenta nesta sexta e sábado (8 e 9) no Circo Voador. O artista vai mostrar as canções de seu último trabalho, o elogiado álbum “Inocente”, seu trabalho mais recente. Sempre muito à vontade em suas performances sob as lonas da Lapa, Djonga promete incendiar o público com hits como “Leal”, “Solto” e “Fogo nos Racistas”.

Divulgação



Intercâmbio

Cerca de 40 estudantes do Programa Vale Música das cidades de Belém, Serra (ES) e Corumbá (MS) vão se unir aos instrumentistas da Orquestra Sinfônica Brasileira neste domingo (10), às 17h, em concerto a céu aberto e gratuito na Praça Mauá. A regência ficará a cargo do maestro Renan Cardoso, do Vale Música Belém, que conduzirá trechos de óperas famosas. A solista será a premiada soprano Gabriella Pace (foto).

Jéssica Andrade/Divulgação



Rap da Baixada

Egressa da Baixada Fluminense, a Banda Gente encerra nesta sexta-feira (8) a turnê Zum do Rio no Sesc São Gonçalo, com participação especial de Nyl MC, rapper da Zona Norte. O show contará com os sucessos do grupo, como “Samba do Trem”, “Cólera”, “Rainha do Fogo” (feat com Luciane Dom) “Febre” e “Fumaça” (parceria com a Letrux). Nyl MC apresentará poesias e músicas representativas de texturas suburbanas.

Divulgação



Arranco para Beth

Encerrando o ano da programação do projeto Sessão da Tarde Musical, o grupo vocal Arranco de Varsóvia faz uma belíssima homenagem à Beth Carvalho neste sábado, às 16h, no Teatro Prudential, na Glória. O Arranco vai lembrar grandes sucessos da Madrinha do Samba. A direção musical do espetáculo é de Carlinhos Sete Cordas, que durante anos fez parte da banda da sambista.

Piano e voz **pelas esquinas**

Paula Maestrali/Divulgação

Amaro Freitas celebram o genial álbum de Milton & Cia em show intimista

Por Affonso Nunes

Dois dos maiores pianistas brasileiros e contemporâneos, os pernambucanos Amaro Freitas e Zé Manoel, apresentam nesta sexta, sábado e domingo (8, 9 e 10) na Caixa Cultural um espetáculo intimista em homenagem ao icônico álbum “Clube da Esquina” (1972). Com Amaro ao piano e Zé Manoel na voz, os músicos fazem um passeio pelas canções do álbum lançado que reuniu Milton Nascimento e outros grandes nomes da música mineira como Lô Borges, Beto Guedes, Ronaldo Bastos e Fernando Brandt.



Também pianista, Zé Manoel assume os vocais sendo acompanhado por Amaro

“Cantar o repertório do ‘Clube da Esquina’, além de um grande desafio, é uma oportunidade ímpar de visitar e reverenciar artistas que fizeram e fazem parte da minha formação como músico e compositor. Assim como o projeto nasce do encontro de (grandes) músicos e ami-

gos, tenho a honra de estar com um grande artista e amigo para reviver esse repertório de 1972, mas que continua vivo, atual e arrebatador”, afirma Zé Manoel.

“Quando recebi o convite para fazer esta homenagem, foi uma surpresa. Me pediram para escolher

um cantor, e minha escolha foi por Zé Manoel que, pra mim, é uma das vozes mais delicadas do Brasil. Meu piano está ali pra abraçar a voz dele”, arremata o pianista Amaro Freitas.

Clássicos como “Tudo que Você Podia Ser”, “Cais”, “O Trem

Azul” e “Um Girassol da Cor do Seu Cabelo” ganham uma nova roupagem com a interpretação singular dos dois artistas.

O álbum foi eleito o melhor álbum brasileiro em pesquisa realizada pelo podcast Discoteca Básica para o livro “Os 500 Maiores Álbuns Brasileiros de Todos os Tempos”. A escolha foi feita por 162 especialistas de áreas ligadas à produção musical, entre eles jornalistas, podcasters, músicos, produtores e youtubers.

O projeto “Clube da Esquina” com Amaro Freitas e Zé Manoel estreou em São Paulo em setembro de 2022 e já passou por Fortaleza e Recife. É a primeira vez que será apresentado no Rio.

SERVIÇO

AMARO FREITAS E ZÉ MANOEL - CLUBE DA ESQUINA

Caixa Cultural - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro)
De 8 a 10/12, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CRÍTICA / DISCO / DA NEBULOSA AO BRILHO

Brasilidade e religiosidade em cantos ancestrais

Por Aquiles Rique Reis*

Atenção, amigas e amigos que acompanham esta coluna: o Selo Sesc SP lançou Da Nebulosa ao Brilho, primeiro álbum das Pastoras do Rosário, grupo formado em 2017 na Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, Zona Leste de São Paulo. Tombada desde 1982, a igreja é patrimônio da luta das culturas populares e foco de resistência.

As pastoras são oito mulheres idosas, todas pretas e elegantes em suas roupas coloridas. Com seus rostos marcados pela vida, cantam com humor, dignidade e, acima de tudo, consciência plena de seus direitos. E cantam, com alma aberta e vozes altivas, quinze músicas feitas especialmente para elas.

Dentre outras, destaca-se “Lamento” (Renato Gama), à capella:

“Chora não Quilumba/ Chora não Quilumba/ Cazumbi há de cuidar/ Cazumbi há de cuidar”.

“Com Cerveja” (<https://youtu.be/tixqmvkfK9s?si=7eC9PeaeaJBM58v5>), de Renato Gama: “Até quebramos pedra/ Até levamos areia/ Mas hoje eu vou sair/ E é pra tomar cerveja/ Ê ê ê/ Conversar é com cerveja/ Até guardamos sonhos/ Andamos em estrelas/ Somos todas do amor/ Mas conversar é com cerveja”.

“Mulher, Um Fato” (<https://youtu.be/tixqmvkfK9s?si=7eC9PeaeaJBM58v5>), de Ronaldo e Renato Gama: “Sou aquela que lê/ Que escreve no barro/ Que luta e que crê/ Que aguenta o fardo (...)



Divulgação

De mim nasce o planeta/ Absorvemos o contrário/ O que tiver que ser que seja/ Somos as Pastoras do Rosário”.

Ou ainda “Contas do Rosário” (<https://youtu.be/tixqmvkfK9s?si=7eC9PeaeaJBM58v5>), de Tita Reis, que tem participação da cantora Fabiana Cozza e cujos ver-

sos afirmam: “Uma conta não faz colar/ Duas contas no que que dá/ Três já dá pra enfeitar/ Quatro então faz melhorar (...) Conte comigo irmã/ Vamos juntos fazer a conta/ Sempre mais fica bonito/ Um Rosário de muitas contas (...)”.

Para que as Pastoras do Rosário se façam sentir e ouvir, louve-se Renato Gama, diretor geral e artístico das pastoras. Ele que é também produtor musical do CD, com Ronaldo Gama, responsável pelos arranjos de base e de metais, estes últimos com Mayara Almeida.

De emoção em emoção, os ouvintes registram satisfeitos o amor impregnado nos instrumentistas que gravaram o repertório. Os ar-

ranjos expressam a identidade daquelas mulheres que sentem o que cantam, porque são protagonistas dos acordes, das harmonias e das melodias. E como cantam, meu Deus!

Através de sambas, congadas e moçambiques, dores profundas vêm pelas vozes de Carla Lopes, Dona Margarida, Lara de Jesus, Marlei Margarida, Rainha Neuza, Sandrinha do Rosário, Sol Majestade e Wilma Ayó. Graças ao poder de revelar o que atormenta o povo preto e pobre deste país, elas cantam sentidas e profundamente instigantes o Brasil que lhes deve a justiça de, enfim, reconhecer os direitos ancestrais dos povos afrobrasileiros.

Por tudo o que nele se ouve, Da Nebulosa ao Brilho é um CD a ser percebido em sua contagiante musicalidade.

*Vocalista do MPB4 e escritor

NATAL SESC

Dia: 8/12, ÀS 20H

**ORQUESTRA DE SOLISTAS DO RIO DE JANEIRO
CONVIDA NILZE CARVALHO E DIRCEU LEITE**
LONA CULTURAL / TANGUÁ

**ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM DO
RIO DE JANEIRO (OSJRJ)**
PRAÇA DA MATRIZ / PARATY

SHOW DÓ RÉ MI E PADRE OMAR
PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO TASSARA / CONCEIÇÃO DE MACABU

Dia: 9/12, ÀS 20H

ORQUESTRA RIO VILLARMÔNICA
PRAIA DOS CAVALEIROS / MACAÉ

**ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM
DO RIO DE JANEIRO (OSJRJ)**
PRAÇA ROBERT OLYMPIO SIMÕES / MANGARATIBA

**ORQUESTRA DE SOLISTAS DO RIO DE JANEIRO
CONVIDA NILZE CARVALHO E DIRCEU LEITE**
PRAÇA DA TRINDADE / SÃO GONÇALO

SHOW DÓ RÉ MI E PADRE OMAR
CABO FRIO

Dia: 10/12, ÀS 20H

ORQUESTRA DE SOLISTAS DO RIO DE JANEIRO
PRAÇA SÃO SALVADOR / CAMPOS

**ORQUESTRA RIO VILLARMÔNICA COM
MAESTRO MARIO BARCELOS E
SOLISTA LUDMILLA BAUERFELDT - 20H**
AV. ANTÔNIO FERREIRA DE MEDEIROS
COM RUA SÃO JOSÉ / CARDOSO MOREIRA

SHOW DÓ RÉ MI E PADRE OMAR
PRAÇA ESTAÇÃO SANTA LUZIA / ANGRA DOS REIS

Dia: 14/12, ÀS 20H

ORQUESTRA RIO VILLARMÔNICA
PRAÇA NILO PEÇANHA, 110 / BARRA DO PIRAI

Dia: 15/12, ÀS 19H

CORAL MADRIGAL DA CRUZ - 19H
AUDITÓRIO DA FECOMÉRCIO RJ / FLAMENGO

**ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM
DO RIO DE JANEIRO (OSJRJ) - 20H**
TEATRO SESC ROSINHA DE VALENÇA / VALENÇA

SHOW DÓ RÉ MI E PADRE OMAR - 20H
PRAÇA SÃO SEBASTIÃO / TRÊS RIOS

Dia: 16/12, ÀS 20H

**ORQUESTRA SINFÔNICA DE MULHERES
DO BRASIL E TRÊS SOPRANOS**
PRAÇA D. ERMELINDA / MIRACEMA

SHOW DÓ RÉ MI E PADRE OMAR
PRAÇA GETÚLIO VARGAS MATRIZ / SÃO JOÃO DE MERITI

GABRIEL LOUCHARD
SESC TERESÓPOLIS

Dia: 17/12, ÀS 20H

**ORQUESTRA SINFÔNICA DE MULHERES
DO BRASIL E TRÊS SOPRANOS**
SESC GRUSSAÍ

SHOW DÓ RÉ MI E PADRE OMAR
PRAIA DE COPACABANA / RIO DE JANEIRO

GABRIEL LOUCHARD
SESC SÃO JOÃO DE MERITI

Programação sujeita a alterações sem aviso prévio.
Confira a programação completa em natalesesc.com.br

Vem viver essa emoção.

sesc

Antonio Prata ganha o Jabuti 2023 de crônica e João Gilberto Noll leva prêmio póstumo

Por Walter Porto (Folhapress)

O escritor Antonio Prata venceu o Jabuti de melhor livro de crônicas com “Por Quem as Panelas Batem”, reunião de textos leves sobre a política brasileira publicados na imprensa nos últimos anos.

O gaúcho João Gilberto Noll, morto em 2017, venceu postumamente a categoria de contos por “Educação Natural”, somando a uma estante que já detinha seis Jabutis. Ele foi representado no palco por sua filha e pelo editor Rodrigo Lacerda, da Record.

Em seu discurso, a presidente da Câmara Brasileira do Livro, Sevani Matos, lamentou a queda no número de leitores no país nos últimos anos e defendeu a “urgência do investimento em políticas públicas voltadas a promoção da leitura”. Citou a importância da regulamentação da Política Nacional de Leitura e Escrita, uma demanda antiga do setor.

Pouco depois no mesmo palco, Anita Gea Martinez Stefani, diretora que representava o Ministério da Educação, assegurou que o presidente Lula faria isso “em breve”, ao que foi intensamente aplaudida, ao que acrescentou que o governo acreditava mais em um país de livros que de armas, um contraste para marcar a primeira cerimônia do Jabuti após o governo Jair Bolsonaro.

O Jabuti divulgou os vencedores de suas 21 categorias, que incluem agora uma especificamente voltada a escritores estreantes, com que a curadoria do prêmio afirma ter intenção de estimular a entrada de novos autores no mercado.

Os melhores no mundo dos livros

OS VENCEDORES

LITERATURA

Conto - Educação Natural: textos póstumos e inéditos, de João Gilberto Noll (Record)

Crônica - Por quem as panelas batem, de Antônio Prata (Companhia das Letras)

Histórias em Quadrinhos - Mukanda Tiodora, de Marcelo D'Saete (Veneta)

Infantil - Doçura, de Emília Nuñez e Anna Cunha (Tibi Livros)

Juvenil - Óculos de cor: ver e não enxergar, de Lilia Moritz Schwarcz, Suzane Lopes (Companhia das Letrinhas)

Poesia - Engenheiro fantasma, de Fabrício Corsaletti (Companhia das Letras)

Romance de Entretenimento - Título: Dentro do nosso silêncio, de Karine Asth (Bestiário)

Romance Literário - Os perigos do imperador: um romance do Segundo Reinado, de Ruy Castro (Companhia das Letras)

NÃO FICÇÃO

Artes - Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito, de Sérgio Burgi (IMS)

Biografia e Reportagem - Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro, de Fábio Victor (Companhia das Letras)

O prêmio ficou marcado este ano, contudo, pelo ruído causado pela inclusão -e depois desclassificação- de uma ilustração feita por inteligência artificial.

A edição de “Frankenstein” do Clube de Literatura Clássica foi ilustrada pelo designer Vicente Pessoa com ajuda da ferramenta Midjourney, que estava listada nos créditos, mas os jurados disseram

não ter se dado conta.

Os finalistas e vencedores são escolhidos por uma equipe de três jurados por categoria -o editor da Ilustrada, Silas Martí, participou da categoria de projeto gráfico--, selecionados por um time curatorial da Câmara Brasileira do Livro capitaneado este ano pelo educador Hubert Alquéres.

Depois da repercussão do caso,

o Jabuti decidiu retirar a indicação de “Frankenstein” e soltou uma nota dizendo que faria uma discussão mais aprofundada sobre a permissão ou não do uso de inteligência artificial nas próximas edições.

O prêmio Jabuti existe desde 1958 e se firmou rapidamente como principal referência na escolha anual dos destaques da literatura e produção editorial brasileira.

O prêmio principal, para aquele é eleito o livro do ano, tem uma remuneração de R\$ 70 mil, menos que os R\$ 100 mil concedidos em anos anteriores. Mas agora a CBL levará quem ganhar para uma viagem à Feira de Frankfurt, importante mercado de venda de direitos de publicação internacional. Os premiados em cada categoria específica levam R\$ 5 mil.

Divulgação



Antônio Prata

Divulgação



João Gilberto Noll

mano, de Cassio Pantaleoni (Unità Educativa)

Ciências Sociais - Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro, de Marcos Nobre (Todavia)

Economia Criativa - Receitas do Favela Orgânica, de Regina Tchelly (Senac Rio)

PRODUÇÃO EDITORIAL

Capa - Mensagem | Capista: Flávia Castanheira (Todavia)

Ilustração - A notável história do homem-ilustrado | Ilustradora: Fayga Ostrower (EDU-FRN)

Projeto Gráfico - Expresso 2222 | Responsáveis: Paulo Chagas e Ana Oliveira (Iyá Omin)

Tradução - Finnegans Rivolta | Tradutor: Coletivo Finnegans e Dirce Waltrick do Amarante, organizadora (Iluminuras)

INOVAÇÃO

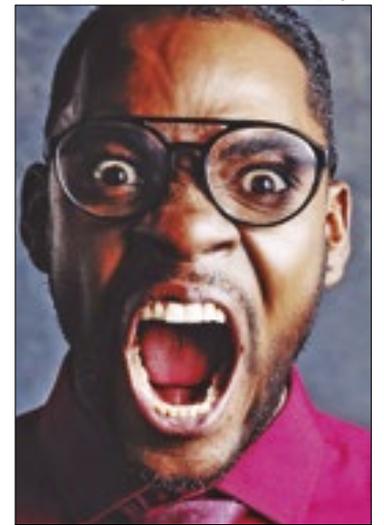
Escritor Estreante - Extremo oeste, de Paulo Fehlauer (Cepe)

Fomento à Leitura - Álbum Guerreiras da Ancestralidade do Mulherio das Letras Indígenas | Responsável: Evanir de Oliveira Pinheiro

Livro Brasileiro Publicado no Exterior - Marron e amarelo

Arte popular é o nosso chão

Afroafeto/Divulgação



Pai enfrenta racismo

Henrique Quinguiaia/Divulgação



A SAF reúne neste fim de semana artistas de várias linguagens

Vila Olímpica do Caju recebe a Semana de Arte Favelada, com eventos literários e de artes cênicas e visuais

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Visando o protagonismo da cena cultural favelada, a Semana de Arte Favelada (SAF) é uma manifestação artístico-cultural que busca destacar a arte, a cultura e a criatividade que surgem das favelas e periferias. Estruturada em torno de três eixos artísticos principais - literário, artes cêni-

cas e visuais - a SAF proporciona um espaço para que artistas locais possam exhibir seus talentos.

Entre as inúmeras atrações, a segunda edição do evento contará com a exibição especial do filme “Nosso Sonho: A História de Claudinho e Buchecha”. O evento é gratuito e terá início nesta sexta (8), às 18h, e a programação seguirá até domingo (10), na Vila Olímpica Mané Garrincha, no Caju.

A programação da SAF des-

te ano começa com filmes que capturam a essência da vida nas favelas, com a exibição dos curtas-metragens “Caju no Mapa” e “Projeto Oxigênio é tóxico”. A exposição de 30 obras visuais criadas por artistas favelados ou crias de favelas. Se complementa com um festival multilinguagem que trará 12 atrações culturais, abrangendo dança, música e teatro, sarau literário, tarde de autógrafos e o lançamento de um e-book com 25 textos de autores selecionados.

Um tour histórico pelo Caju, em parceria com o Coletivo Caju Cultural, para alterar a percepção comum do bairro, frequentemente associado apenas ao seu cemitério, destacando a riqueza histórica e cultural do local. Dentre as

atividades culturais também está a oficina de pipa, uma tradição característica das favelas. Entre as potências destacam-se as irmãs gêmeas Helena e Eduarda Ferreira, conhecidas como as Pretinhas Leitoras. Com um canal no YouTube dedicado a discutir literatura de maneira lúdica e envolvente, serão as mediadoras do Sarau Literário.

SERVIÇO

SEMANA DE ARTE FAVELADA

Vila Olímpica Mané Garrincha (Rua Carlos Seixas, s/nº - Caju)

De 8 a 10/12, sexta e sábado (7h às 22h) e domingo (8h às 18h)

Entrada franca

‘Para Meu Amigo Branco’ encerra temporada

O espetáculo “Para Meu Amigo Branco” encerra neste fim de semana temporada no Teatro Domingos Oliveira, na Gávea. Vencedora do Edital Sesc RJ Pulsar 2022, a produção foi sucesso de público e crítica em sua primeira temporada no Arena do Sesc Copacabana. Nesta montagem, pais e professores discutem o caso de racismo vivido pela menina Zuri, de 8 anos, chamada de “negra fedorenta” por um colega branco da escola.

Com dramaturgia de Rodrigo França e Mery Delmond e direção de Rodrigo, a peça é inspirada no livro homônimo de Manoel Soares e trata de um episódio de racismo entre crianças da escola. A menina Zuri, de 8 anos, é chamada pelo colega de “negra fedorenta da cor de cocô”. Ao solicitar explicações à escola, o pai da menina (Reinaldo Junior) descobre que o racismo sofrido por sua filha estava sendo tratado como “coisa de criança”, bullying. Inicialmente solidário, um pai branco (Alex Nader) revela gradativamente seu racismo quando descobre que o ato partiu de seu filho. A conduta das professoras Magda (Stella Maria Rodrigues) e Valéria (Mery Delmond) também revela as mazelas do racismo estrutural no sistema escolar.

CRÍTICA / TEATRO / CABARÉ CORAGEM

A vida é assim mesmo

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Surgidos ao fim do século 19, marca da Berlim do entre guerras, tema de filme, os cabarés-artistícos, desde sempre, foram locais de experimentação dentro da total mistura. Laboratórios de criação compartilhados, agregando artistas de diferentes áreas – artes cênicas, dança, circo, arte da performance, música, literatura, artes visuais, dentre outras –, e abrigaram as vanguardas artísticas e foi a origem de um novo conceito de performance e de uma nova linguagem híbrida e eclética.

Por outro lado, há o burlesco cujo o centro é burlar os corpos, se exhibir, se mascarar



Bruna Brandão/Divulgação

O Galpão se assenta no talento e na criatividade

em fantasias. A representação não tem espaço determinado - bares, casas noturnas, cafés, circos, teatros, escolas, centros culturais, festivais e outros tantos lugares e eventos, desde que se ofereça alguma bebida, nem que seja de mentirinha. O “Cabaré Coragem” do Grupo

Galpão começa com a intervenção da plateia, oferecendo cachaça ou conhaque, com Teuda Bara, a maior estrela do grupo sentada à beira do palco, como uma grande madame comandante.

O que se presencia, durante anos, é a total

competência do Grupo Galpão em inventar e mostrar que teatro é, na sua essência, arte performática que se assenta no talento, na criatividade e na capacidade de representar, seja tocando diferentes instrumentos, em números de malabarismo, canto. No elenco equilibrado - formado por Antonio Edson, Arildo de Barros, Beto Franco, Chico Pelúcio, Eduardo Moreira, Fernanda Vianna, Inês Peixoto, Júlio Maciel, Lydia Del Picchia, Paulo André, Simone Ordones e Teuda Bara - todos fazem de tudo um pouco e de cada pouco reunido vira muito.

Paródia da vida, o estilo entre o debochado e o escracho nos mostra que nos figurinos que apresentam um desejo de luxo em sua decadência, com os trechos de Brecht, o apelo à Mãe Coragem que é o mesmo sentimento de não ter se conformado nos tempos difíceis e na volta triunfal a que podemos assistir.

SERVIÇO

CABARÉ CORAGEM

Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33) | Até 11/12, de quinta a sábado (19h30) e domingo (18h30) | Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Solo festeja a vida

“Exercício de atuação nº 2: O Susto” é o segundo experimento da Definitiva Cia. De Teatro. Tamires Nascimento é a atriz, a filha, a mãe, a vizinha, a viúva, a criança... Personagens e ela mesma emaranhados e unidos pela sensação de falta trazida pela perda. Através de uma sucessão de cenas curtas os temas da morte, do luto e da passagem do tempo vão sendo tocados, sempre pelo prisma de quem deseja festejar a vida.. Sexta e sábado (19h) e domingo (18h). Espaço Cultural Sérgio Porto (Rua Visconde Silva, 292 - Humaitá). Até domingo.

Aloysio Araripe/Divulgação



Divulgação

Formação em palhaçaria

O instituto cultural Eslipa lança novo edital para palhaços do Brasil e da América Latina, no Dia Nacional do Palhaço, 10 de dezembro. As atividades gratuitas serão realizadas durante uma semana por mês (de segunda a domingo) em módulos ao longo de nove meses. Os cursos serão ministrados por grandes mestras e mestres da arte da palhaçada e da brincadeira, como Biribinha, Cibele Matheus, Maria Gomide, Richard Riguetti, Ricardo Puccetti, Esio Magalhães, Lili Castro, Fran Marinho, Junio Santos e outros. São oferecidas 30 vagas. Inscrições em www.eslipa.org.

Guarim de Lorena/Divulgação



A morte aos 27 anos

A peça “27s”, com texto de Daniela Pereira de Carvalho, direção de Gustavo Rodrigues e atuação de Augusto Zacchi, aborda os caminhos obscuros da escalada autodestrutiva do chamado “Clube dos 27”: os astros da música que morreram aos 27 anos tais como Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, Kurt Cobain e Amy Winehouse, além de Brian Jones (fundador dos Rolling Stones) e do ícone do blues Robert Johnson. Apresentações gratuitas nos dias 16 e 17 de dezembro, às 19h, no Parque Glória Maria, localizado no Parque das Ruínas (Santa Teresa).

ENTREVISTA / SAMUEL THEIS, ATOR

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Ao conquistar a láurea de Melhor Filme no Festival de Thessaloniki, na Grécia, com “Softie” (“Petite Nature”), que iniciou sua carreira na Semana da Crítica de Cannes, em 2021, o ator Samuel Theis se consagra como promessa da direção no atual sistema de produção da França nas telas.

O filme, já em cartaz no país, evoca o François Truffaut de “Os Incompreendidos” (1959) em sua mirada sobre os dilemas de aceitação de uma criança às vésperas de chegar à adolescência. Aliocha Reinert, seu protagonista, também foi premiado no evento grego. Ele vive Johnny, um rapazinho de dez anos que só se interessa por histórias adultas e parece ser mais maduro do que é, a julgar pelas cacetadas levadas da vida. Radicado com a mãe numa habitação social em Lorraine, ele observa a vida sentimental agitada das pessoas que o cercam. No colégio, a convivência com o Sr. Adamski, um professor novato e idealista, vai mudar o dia a dia do rapaz e despertar sentimentos difíceis de serem contidos.

Antes de “Softie”, Theis trabalhou com Claire Burger e Marie Amachoukeli no aclamado “Party Girl”, de 2014. Em sua luta para se firmar como astro, ele atuou na badalada série “Dix Pour Cent” e no cult “A Princesa de Montpensier”, concorrente da Croisette em 2010. Integrou ainda o elenco do misto de drama e thriller judicial agraciado com a Palma de Ouro deste ano, em Cannes: “Anatomia de uma Queda”, cotadíssimo para o Oscar. Na entrevista a seguir, ele fala ao Correio da Manhã sobre a dinâmica criativa de seu trabalho com Aliocha.

Como foi o processo de direção de seu protagonista em ‘Softie’?

Samuel Theis: Aliocha pra-



‘O amor é algo que nos eleva’

tica dança desde os cinco anos, o que dá a ele muita segurança. Apesar de seu aspecto andrógino sugerir fragilidade, no olhar

de parte da sociedade, ele é um rapaz forte, que encara uma trama sobre emancipação diante de um mundo adulto. É curioso que

quando pensamos em crianças, há uma tendência em pensarmos em indivíduos que não têm direito à fala no ambiente social. Mas, neste caso, vemos um garoto que busca sua liberdade. Estamos falando de alguém que ainda não tem experiência suficiente para impor limites.

Por que transformações ele passa na relação com um tutor como o professor Adamski, vivido por Antoine Reinartz?

Nesse filme, a educação funciona como uma ponte para que algo se transforme numa realidade de dificuldades financeiras, na qual os personagens são retratados para além de questões sociais, vistos sob o prisma de seus conflitos existenciais. Adamski é tocado pelo espírito de Johnny e enxerga seu potencial num ambiente de imobilismo.

A direção de fotografia de Jacques Girault impressiona pelo uso de cores que tempera com uma dose suavidade um ambiente áspero. Como esse colorido foi estruturado?

Existe uma dimensão metafísica nessa narrativa. É uma história sobre amor. O amor é algo que nos eleva. O ponto é que toda a reflexão imagética sobre onde se posiciona a câmera no quadro fílmico é estruturado a partir de adultos, não de crianças. A questão da cor aqui dependia do olhar de um menino que está compreendendo a relação de sua mãe com o sexo, descobrindo o mundo, descobrindo sua sexualidade.

Que lugar um filme como esse ocupa no cinema francês de hoje?

Existem muitos rótulos, sobretudo quando se fala de uma história de tons mais sociais. O marketing que etiqueta esse tipo de abordagem é sempre ligado à representação da pobreza, da superação das dificuldades econômicas. Eu tentei ir além.

Como você vê o sucesso da diretora Justine Triet após a Palma de Ouro dada ao longa ‘Anatomia De Uma Queda’, um sucesso de bilheteria que pode chegar ao Oscar?

Justine é uma colega muito querida e eu fico muito feliz por ver o quanto esse filme, de que participei sob a direção dela, vem sendo acolhido. Fizemos seqüências fortes nas cenas de tribunal. É uma alegria ver ele ser bem recebido.

Samuel Theis

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Voraz é o apetite de “O País da Pornochanchada” para levar aos cinemas a turma nostálgica que um dia, lá atrás, entre o fim da década de 1960 e meados dos anos 1980, aquietava seus hormônios à luz de um dos filões mais rentáveis de novo audiovisual.

Sem ignorar a picardia de seu objeto histórico, representado por títulos como “O Bem Dotado – O Homem de Itu” (1978) e “Lua de Mel e Amendoim” (1971), o documentário de Adolfo Lachtermacher entra em cartaz neste fim de semana apoiando-se em discernimento científico e afeto, sem perder a ternura... e o tesão. É uma investigação sobre uma forma divertida de retratar o erotismo.

“A comédia erótica – nossa pornochanchada – garantiu a sedução do espectador pelo cinema brasileiro”, diz Lachtermacher. “Nosso cinema deixou de ser careta paradoxalmente durante a ditadura com esses filmes simples, mas que corriam no fio da navalha entre a objetificação dos corpos e a liberdade de quase tudo mostrar. É sempre bom lembrar que todos os grandes atores e atrizes brasileiros têm um pé na chanchada e na pornochanchada.

Vaselina, calças na mão, cartazes dos títeres gráficos Benício e Ziraldo e um star system cheio de carisma (Helena Ramos, Carlo Mossy, Aldine Müller), dilatando histórias que nossas babás não contavam, eram a argamassa do veio narrativo mais rentável do cinema nacional nos tempos plúmbeos da ditadura, indo até as portinhas da abertura e das Diretas Já! De 1969, quando Reginaldo Faria rebelou de popô de fora em “Os Paqueras”, até 1985, poucos foram os formatos populares do audiovisual que tiveram tanto fôlego. A memória desses tempos, em que gozar era o verbo de ação de nossa dramaturgia na telona, é cartografada com inteligência por Lachtermacher.

Sexualidade livre

“Conforme avança a década de 1970 a sexualidade ingênua vai dando lugar aos filmes mais quentes, o que, aos poucos, tirou o espaço das obras que ainda não exploravam cenas de sexo explícito”, diz o cineasta. “O que não dá para negar é que a representação do corpo feminino é o outro lado da moeda de uma sexualidade que começava a ser vivida de forma mais livre na sociedade, mesmo que em plena ditadura”.

Com um ritmo de montagem delicioso, que desafia (e vence, de lavada) códigos convencionais de edição na trajetória do Brasil



Sandra Barsotti é uma das estrelas retratadas no documentário ‘O País da Pornochanchada’

Insaciável filão

Sem medo da picardia, o documentário ‘O País da Pornochanchada’ investiga o legado da comédia erótica praticada nos anos 1970, suas divas e seus musos

pela não ficção, o filme de Lachtermacher é uma triagem memorialista de um tempo em que o regime fardado restringia expressões livres e poéticas. Para contra-atacá-lo, nosso cinema foi buscar no sexo uma munição inusitada, com tramas sobre o querer. Correndo atrás de um filme inédito, rodado por seu pai, o também diretor Saul Lachtermacher, Adolfo abre o baú de um passado também-dotado de picardia e de afetos, prestando um tributo a grandes estrelas.

“O filme conta a história do filho de um diretor dos anos 1960 e 1970 em busca do último filme inédito do pai, que ficou pronto mas não foi exibido. Nessa dinâmica, nosso documentário apresenta a pornochanchada como a filha ainda mais bastarda da chanchada da década de 1940 e 1950. Era um cinema que busca a relação direta com o público enquanto a televisão ainda engatinhava – muitos filmes na época passavam de um, dois milhões de espectadores, quando o Brasil não

tinha nem chegado aos cem milhões de habitantes”, diz Lachtermacher.

“Apesar de sofrer com um certo desprezo da crítica e de um público supostamente de elite, a pornochanchada apostava no clima de sedução que é a essência da situação do espectador numa sala e que é uma marca do nosso cinema popular. Além disso, a pornochanchada foi fundamental na consolidação de um mercado audiovisual forte e representativo, que agora temos que mais uma vez recuperar”.

Durante a exibição do longa no Festival do Rio 2022, Lachtermacher destacou o perfil plural das estrelas de um cinema de tom erótico. “É importante destacar as grandes estrelas da pornochanchada e lembrar que elas eram também as grandes estrelas da televisão da época: Sandra Barsotti; Rossana Ghessa; Maria Lúcia Dahl, que morreu há pouco e é homenageada no filme; Elsa de Castro; Vera Fischer e outras atrizes talentosas e versáteis”, diz Lachtermacher. “É importante que a gente não se esqueça de que atores como Ney Latorraca, Flávio Migliaccio, Perry Salles, Antonio Fagundes, Fábio Sabag também estiveram presentes nos filmes do gênero. Nosso star system se deve, em grande parte, às atrizes e atores que vinham de experiências no cinema e foram renovando uma TV cuja linguagem original ainda era muito ligada ao Teatro e ao Rádio”.

'Levante' sem cortes

Revelado em Cannes, longa centrado no direito de uma jovem mulher sobre seu corpo ganha conquista o Fest Aruanda

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Imã de prêmios por onde quer que passe, abrindo um debate sobre o direito de uma jovem sobre o destino de seu próprio corpo, "Levante", de Lillah Halla, conquistou sete troféus, entre eles o de Melhor Filme, no encerramento do Fest Aruanda, na quarta-feira, em João Pessoa (PB). Exibido na Semana da Crítica de Cannes, em maio, quando ganhou o Prêmio da Crítica da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), o longa-metragem deixou a Paraíba com as laureas de Melhor Atriz (Ayomi Domenica), Atriz Coadjuvante (Loro Bardot), Roteiro (de Lillah e Maria Elena Morán), Som (Waldir Xavier) e Figurino (Nicole Davrieux). Foi agraciado ainda com o prêmio da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine).



Divulgação

'Levante' constrói uma trama sobre os dilemas morais do país

Apoiado no desempenho de Ayomi e de um elenco harmonicamente integrado, Lillah constrói uma trama sobre os dilemas morais mais medievais do país, dissecados a partir do processo de uma jogadora de vôlei que engravida sem desejar e opta por abortar, encarando resistências – algumas bem fundamentalistas por isso. “É um filme que nasceu de uma estratégia coletiva, absorvendo tudo o que aconteceu no Brasil no período em que o roteiro foi desenvolvido. Nele, fomos gerando imagens de um futuro possível”, disse Lillah ao Correio em Cannes.

Centrado nos dilemas da periferia cario-

ca, “Ana”, segundo longa-metragem de ficção do diretor teatral e cineasta Marcus Vinícius Faustini (Secretário de Cultura do Rio de 2021 até janeiro), é o filme a quem Aruanda confiou seu Prêmio Especial do Júri. Ganhou ainda o troféu de Melhor Ator Coadjuvante, dado a Gustavo Luz. Ele interpreta um estudante de Teatro que sonha fazer um show drag e é ajudado pela irmã, a Ana do título, vivida por Priscila Lima, que brilhou nas telas do Manaíra Shopping, centro nervoso do evento. “Citrotoxic”, que também se destacou lá pela excelência de sua estrela (Bianca Joy Porte), rendeu à sua diretora, Julia Zakia,

o merecido prêmio de Melhor fotografia. A luz estonteante de Zakia desenha a saga de uma comissária de bordo para cuidar da saúde respiratória de sua filha numa SP poluída.

Mais encantador de todos os concorrentes ao troféu de Melhor Longa-Metragem do Aruanda 2023, “Saudosa Maloca” recebeu quatro prêmios em reconhecimento à sua força estética, a começar pelo troféu de Melhor Direção, dado a Pedro Serrano. Ganhou ainda nas categorias Direção de Arte e Trilha Sonora, além de ter recompensado o cantor e compositor Paulo Miklos com a laurea de Melhor Ator, por seu desempenho como um dos principais cronistas musicais de São Paulo: Adoniran Barbosa (1910-1982). A produção forma um triunvirato autoralíssimo com dois outros belos trabalhos anteriores de Serrano: o curta “Dá Licença De Contar”, de 2015, e o longa documental “Adoniran – Meu Nome É João Rubinato”, de 2018.

Na trama de seu estonteante tratado sobre saudade, Serrano nos leva a uma mesa de bar de SP, onde o velho Adoniran (Miklos, sublime) conta a um jovem garçom (Sidney Santiago Kwanza) anedotas de uma metrópole que já não existe. Lembra com carinho da maloca onde viveu com Joca (Gustavo Machado) e Mato Grosso (Gero Camilo), destacando a paixão deles pela atendente de bar e aspirante a estilista Iracema (Leilah Moreno).

Dois docs deixam Aruanda laureados, na competição oficial: “Othelo, o Grande” conquistou o troféu de Melhor Montagem, e “Peréio, Eu Te Odeio” recebeu o prêmio de júri popular.

Remo Usai é eternizado em festival em Niterói

Autor de grandes trilhas sonoras do audiovisual brasileiro, compositor dá nome a premiação

Um dos mais ativos compositores de trilha sonoras do cinema brasileiro, com cults como “Boca de Ouro” (1963) e “O Bravo Guerreiro” (1968) em seu currículo, Antonio Remo Usai (1928-2022)

virou nome de prêmio no Festival Musimagem, em Niterói. Um troféu com seu nome foi entregue na quarta ao músico Egberto Gismonti, no Centro de Artes (CEART) da Universidade Federal Fluminense (UFF), celebrando o legado de Remo.

Visto por cerca de 2 milhões de pagantes, “O Assalto Ao Trem Pagador” (1962) é um dos maiores sucessos da carreira de Usai. “Ele foi um compositor que marcou a sua carreira, notadamente, pela música para a imagem, sobretudo para o cinema”,



Divulgação

Usai compôs a trilha de clássicos como 'O Assalto ao Trem Pagador'

disse o maestro Tim Rescala, integrante do Musimagem Brasil.

Nesta sexta-feira (8), às 17h, em seu canal no YouTube, o Musimagem exibe

um debate com a flautista Sara Andon, o contrabaixista e orchestrador Norman Ludwin e o compositor e maestro Diego Navarro. (R.F.)

CRÍTICA / CINEMA / PUAN

Divulgação



Sbaraglia aperta a mão de Subiotto

Leviatã do humor argentino

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Representado no topo da lista dos 10 Melhores Filmes do Ano da “Cahiers du Cinéma” com “Trenque Lauquen”, de Laura Citarella, e preparado para levar sua mais famosa graphic novel (“El Eternauta”) para o streaming, o audiovisual argentino vive um 2023 de sucessos, tanto na venda de ingressos quanto na consagração aos olhos da crítica. O Globo de Ouro entregou em janeiro ao thriller jurídico “Argentina, 1985”, de Santiago Mitre, serviu como largada para o rol de êxitos de nuestros hermanos nas telas, incluindo a seara da coprodução internacional – na qual o Brasil é um parceiro bem-vindo. A prova é a sinergia que caracteriza “Puan”, delícia de comédia, hoje em cartaz, depois de uma luminosa passagem pelo Festival de San Sebastián, na Espanha. Saiu de lá com os prêmios de Melhor Roteiro (escrito por sua dupla de realizadores, María Alché e Benjamín Naishtat) e Melhor Ator, confiado a Marcelo Subiotto. Carregando a grife de qualidade da produtora brasileira Bubbles Project (laureada com o Leopardo de Ouro de 2022 por “Regra 34”), o longa associa a Kino Produzioni, a Pandora Film Produktion, o Atelier de Production e o Infinity Hill, unindo forças da Itália, da França e da Alemanha a seus parceiros sul-americanos, com distribuição entre nós pela Vitrine Filmes.

Até o momento, “Puan” está em quarto lugar da lista de filmes argentinos mais vistos lá por Buenos Aires e suas cidades vizinhas de janeiro até novembro, com 120 mil ingressos vendidos. Antes dele estão: 1º) “La Extorsión”, de Martino Zaidelis, visto por 550 mil pagantes; 2º) “Quando Acecha La Maldad”, de Demian Rugna; e 3º) “Casi Muerta”, de Fernán Mirás.

A boa acolhida a “Puán” se deve não apenas à sua escrita leve, mas também à identificação que sua reflexão estética e sociológica gera no público brasileiro, em especial pela discussão da rede pública de

ensino. O título se refere ao nome da rua onde fica a Faculdade de Filosofia de Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA), num perímetro chamado de Caballito. É um centro de estudos essencial às Ciências Sociais dos portenhos. Não por acaso, um professor de Teoria Política é seu protagonista, que carrega um quê dos personagens de Woody Allen em seu jeito atrapalhado. Sua comicidade se expressa numa sucessão de escolhas infelizes e num gestual abilado, mas jamais resvala na caricatura. Nem teria meios de resvalar uma vez que a elegância impera na abordagem da direção, feita por um duo azeitado. A cineasta María Alché traz no currículo o doído “Família

Submersa”, de 2018. Naquele mesmo ano, Naishtat, seu companheiro, emplacou o febril “Vermelho Sol” (“Rojo”).

Junto deles, nesta imersão ao contingente universitário, está a fotógrafa francesa Hélène Louvart (premiada na Berlinale deste ano por “Disco Boy”). A luz de Hélène garante ebulição visual – num requinte plástico dionisíaco – a uma narrativa que parece se calcar em palavras.

Craques em desenvolver enredos pautados pelo mistério, María e Naishtat abrem “Puan” com um embate de vaidades intelectuais universitárias, mas conduzem a narrativa por uma trilha sociológica encantadora, debatendo a bruta-

lidade estatal com o corpo docente. Flagra-se o gradual sucateamento dos aparelhos de educação de uma pátria convulsionada pela inflação, o que se vê numa tomada num supermercado centrado na compra de bebidas por professores de soldo baixo. O mapeamento de crises no âmbito educacional aproxima a produção de seu conterrâneo “El Estudiante”, do já citado Santiago Mitre, que ganhou o Prêmio Especial do Júri em Locarno, em 2011, ao ilustrar as militâncias do sistema estudantil da Argentina.

Mitre cartografava a Educação sob um viés catastrofista, num drama impossível de equalizar. “Puan” vai por outra rota, mais debochada, porém, bastante sentimental. Há

esperança a cada virada, mesmo nas situações mais selvagens enfrentadas pelo filósofo Marcelo Pena, papel que arranca de Marcelo Subiotto uma atuação em estado de graça, na medida exata da fragilidade.

Seu personagem cita cânones da Sociologia em sua classe (Thomas Hobbes e seu Leviatã, sobretudo) e dá aulas sobre o filósofo Martin Heidegger (1899-1976) num curso particular para uma madame riquíssima, que ronca quando ele adentra o devir do pensamento ocidental. Num momento de ebulição da dramaturgia, essas aulas particulares vão render um episódio afronoso, no qual o abuso da aristocracia salta aos olhos, numa sequência de eventos patéticos que roubam a nossa risada ao expor a obediência servil. Mas os problemas de Pena vão além disso.

Depois de anos de docência, ele tem a chance de assumir o posto deixado pelo seu antigo mestre, que acaba de morrer. Como suas ideias são brilhantes e ele sempre foi CDF, suas chances de ser promovido são grandes. Mas o retorno de um apavonado colega do passado, o professor Sujarchuck (Leonardo Sbaraglia, num desempenho genial), tira seus planos do eixo e abalam sua paz. Esse rival não encara a Filosofia com respeito. Ele só pensa em holofotes, faz citações em Alemão para soar erudito e namora uma diva do Tik Tok e de séries. Mas a destreza de Sujarchuck ao jogar dentro das regras da prevaricação burocrática enfraquece Pena – e muito. É retórica barata versus competência. O pior: toda a faculdade aplaude o pavão, sem enxergar seu lado ave de rapina. É aí que Pena se percebe um cordeiro e se dá conta de que um sistema de ensino inteiro está encolerado na mesma e perversa dinâmica.

Sem desperdiçar um só segundo, sem perder uma só piada, num ritmo de edição irretocável, dado pela montagem de Livia Serpa, “Puan” transforma Pena numa espécie de herói bufo de uma guerra do idealismo contra um sistema bugado pela lãbia e pelo desdém das autoridades.

Fotos Caio Lirio/Divulgação



Os espectadores poderão viver experiências imersivas e sensoriais a partir da obra do artista baiano

Essa mancha não sai nunca



Museu Histórico da Cidade recebe exposição imersiva na obra de Moraes Moreira

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

As raízes culturais brasileiras nos permitem a circulação de peças artísticas de forte expressão que traduzem nossos valores e afetos, hoje ampliadas. A revolução demográfica que não cria aposentadoria para os artistas. As necessárias e primordiais políticas de inclusão que permitem o surgimento de múltiplos talentos.

A exposição “Mancha de



Dendê Não Sai – Moraes Moreira” chega ao Rio, no Museu Histórico da Cidade, na Gávea. A abertura da mostra será neste domingo (10), a partir das 12h, com Feira de Economia Criativa do MHC e show do cantor Pedro Miranda e participação de Davi Moraes, o filho de Moraes Moreira.

Trata-se de uma imersão sensorial na história da música popular e da cultura brasileira por meio da vida e obra de um dos artistas mais relevantes do país. Também apresenta uma retros-

pectiva abrangente da carreira do músico, destacando sua versatilidade como compositor, suas parcerias musicais, suas incursões na literatura e suas raízes profundamente conectadas à Bahia.

SERVIÇO

MANCHA DE DENDÊ NÃO SAI - MORAES MOREIRA
Museu Histórico da Cidade (Estrada . Santa Marina s/nº - Gávea)
Até 12/2, de terça a domingo (9h às 17h)
Entrada franca





Oh, raios!

O dia entardeceu com a ira de Iansã. Foram muitos, foram tantos raios que assustaram. Havia um certo medo no ar, um certo receio. Em cada movimento da força que, acima a montanha mais doce e afetuosa da cidade, uma luz intensa banhava a Guanabara. O Cristo, em seus braços abertos, protegia e açambarcava a Cidade Maravilhosa.

Estava quente, o céu ardia em chamas. Um frenesi percorrendo cada movimentação do zéfiro...

A névoa parece ser um tênue véu encobrindo, a 'guerra' entre o céu e a terra.

Sinal dos tempos. Sinal de que o Tempo orixá não suporta mais tantas maldades com o etéreo da natureza. **Eparrey!**

Manu Monteiro/Divulgação



Melhor Pedação

Diana Cabral/Divulgação



Pain Perdu

Panetone, a tradição deliciosa

Por Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love) Especial para o Correio da Manhã

O panetone é um dos doces mais famosos do Natal. Ele foi criado na Itália, mais especificamente na região da Lombardia. De lá para cá, surgiram muitas novas receitas, sabores, recheios e até versões salgadas do pão nataliano. O Correio da Manhã fez uma seleção com diversas opções, para todos os gostos e bolsos. Confira abaixo:

Creamy Patisserie - O chef Itamar Araújo preparou duas receitas super especiais numa collab com Patrick Cavegn: o panetone tradicional e um chocotone. O chocotone, leva favas de baunilha, toque de laranja e gotas de chocolate belga, além de ter massa de fermentação natural e crocante de cumaru, avelãs e amêndoa (R\$ 110 - 500g). E o clássico panetone também chega para deixar a mesa de Natal ainda mais saborosa. Preparado com damasco, laranja confit, uvas passas e favas de baunilha. Também é feito em fer-

Divulgação



Dark Coffee

Divulgação



Confira um roteiro com diversas sugestões do clássico pão natalino

DarkCoffee - A cafeteria apresenta para esse Natal uma seleção de chocotones com sabores exclusivos. A começar pelo chocotone Ninho & Nutella (R\$ 95 - 1kg), feito com massa de chocolate, recheado com brigadeiro de leite ninho e cobertura de ganache de Nu-

Tomás Rangel/Divulgação



Creamy Patisserie

Divulgação



Chocolate Lugano

Diana Cabral/Divulgação



Grau

tella. Outras opções são: o chocotone Dark (R\$ 95 - 1kg), preparado com massa de café, recheado e coberto com brigadeiro de café; o chocotone Fluff (R\$ 95 - 1kg) com massa de chocolate, recheado com ganache de chocolate meio amargo e marshmallow, com cobertura de marshmallow; o chocotone Red Velvet (R\$ 95 - 1kg) com massa de red velvet, recheado e coberto com brigadeiro de cream cheese e limão. Há ainda o chocotone com ganache (R\$ 95 - 1kg) e tradicional (R\$ 60 - 500g). As encomendas podem ser feitas

pelo whatsapp (21) 2516-0370, até o dia 18. Rua São Bento, 29, Lj A - Centro.

Frédéric Epicerie - O chef Fred de Maeyer lançou em seu catálogo de Natal duas opções de panetones artesanais, de fermentação natural. O chocotone trufado (R\$ 180 - 800 g, ou R\$ 79 - 250 g), é recheado com uma generosa ganache de chocolate ao leite belga e finalizado com chocolate belga ao leite e crispearls. Outra opção é o panetone de pistache (R\$ 180 - 800 g), recheado com generosa ganache de pistache e toque delicado de lavanda, finalizado com chocolate belga branco e pistache em grãos. Rua Gustavo Sampaio, 802 - Leme. Tel: (21) 96981-4314.

Grâu - Além das opções de panetones doces como o de Chocolate 50% (R\$ 76), a padaria também apresenta o Panetone Salgado (R\$ 88). Ele leva massa de brioche, linguiça artesanal e queijo misturados à massa amanteigada. O processo de longa fermentação traz aromas especiais para os panetones, que são feitos 100% artesanalmente. Rua Conde de Bernadotte, 26 - Loja 121 - Leblon. Tel: (21) 2487-3083.

Chocolate Lugano - Esse ano a casa indica para as festas de fim de ano o Panetone Trufado (576 gramas). Ele leva massa de fermentação natural com gotas de chocolate ao leite, recheio trufado e coberto com chocolate ao leite. (R\$ 119,90). Av. das Américas, 4666, 1º piso, Loja 172 - BarraShopping - Barra da Tijuca. Tel: (21) 97729-3034.

Melhor Pedação - A chef Manu Monteiro acaba de lançar os novos sabores de panetones. Destaque para o de Pistache (R\$126,90 - 900g) preparado com pasta de pistache 100% artesanal produzida na própria casa, recheada com brigadeiro de pistache e ganache de chocolate branco. Ainda nos diferentes, o Brownietone (R\$ 88,90 - 1kg R\$ 44,90 - 400g), que também está disponível recheado com doce de leite (R\$ 92,90 - 1kg, Rua Barata Ribeiro, 181 - Copacabana. Telefone: (21) 99146-4620.

Pain Perdu Boulangerie - Natal é uma data especial e por isso, a padaria carioca com a alma francesa, criou especialmente para a temporada natalina minipanetones (R\$ 49 - 100g), em duas versões: frutas cristalizadas com goiabada cremosa e chocolate belga (R\$ 49 - 100g) com caramelo flor de sal. Todos são feitos com massa de brioche, à base de levain. Shopping VillageMall - Avenida das Américas, 3.900, 2º piso, Barra da Tijuca.

